

FCPF MAGAZINE #112



LIGA PORTUGAL MEU SUPER - J17 - 05 JAN 2025 - 18:00

EDITORIAL POR PAULO GONÇALVES

É com os votos e secretos desejos ainda no ar que caminhamos nos primeiros dias de 2025. O início de um novo ciclo de calendário traz sempre a esperança da superação do registo anterior e, abraçados a essa convicção, lutaremos por ajudar o FC Paços de Ferreira a recuperar o seu prestígio e importância no futebol português.

Estes primeiros dias de janeiro serão muito importantes nesse ciclo, seja no capítulo desportivo, com o jogo desta tarde frente ao Académico de Viseu, seja no campo diretivo, com a realização da Assembleia Geral da próxima quarta-feira (dia 8). Essa reunião extraordinária de associados projeta-se de extrema importância para o futuro do Paços, porque se esperam importantes decisões para um rumo que se anseia mais promissor.

O novo ano será também o dos 75 anos do Clube, uma meta simbólica em que se celebram as «Bodas de Brillhante»; epíteto que encaixa na perfeição com a rica história que está escrita desde 5 de abril de 1950. É, por isso, com a redobrada responsabilidade em honrar essa história que esperamos um Paços reestruturado para regressar aos êxitos no futuro próximo. Em 2025 queremos também um Paços que volte a mandar na Mata Real. Uma vitória em oito jogos já disputados em «casa» é um pecúlio francamente negativo e nada condizente com a nossa força. É uma prioridade reverter essa tendência, a começar já esta tarde frente ao Académico de Viseu. É certo que o objetivo da equipa viseense é a subida de divisão, mas o favoritismo tem de ser nosso; porque precisamos dos pontos e porque no nosso estádio temos de impor a nossa força.

Um bom exemplo de mudança de onda tem sido dado pela equipa de Futsal. Depois de muitas dificuldades no início do Campeonato Nacional da III Divisão, a equipa soube reagir e já vai em seis jogos consecutivos a pontuar [texto escrito antes do jogo de ontem], que trouxeram fundadas esperanças de qualificação para a fase de subida da prova. Daí, a oportuna conversa com o treinador Nandinho sobre o segredo desta recuperação.

Para ler na «FCPF Magazine» temos também a entrevista com Ronaldo Lumungo. O jogador são-tomense estreou-se a marcar no último jogo na Mata Real e fala-nos sobre esta fase da sua carreira desportiva.

Votos de um excelente 2025 para todos, e que seja um ano pintado de amarelo, para alegria de todos nós. Força Paços!

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 112 - Janeiro 2025

Textos e Design: Sara Alves | Fotos: Telmo Mendes e Liga Portugal

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

“Estou feliz porque confiaram em mim, e isso é muito valioso”

A entrada num novo ano é sempre convidativa a sonhar – com ideias antigas, projetos inacabados ou mesmo novas metas. A entrevista desta edição acaba por ser também sobre sonhos – os que surgem quando se é ainda uma criança e são “trabalhados” até se tornarem reais, independentemente dos desafios. Lumungo, que apontou o golo pacense da última jornada, é o protagonista da história, recordando o seu percurso até ao dia em que chegou ao FC Paços de Ferreira.



Fechaste 2024 com a tua estreia a marcar pelo Paços. Sinal positivo para 2025?

Sim, é bom. Consegui marcar o primeiro golo, e espero que, assim que iniciar o ano, possam vir mais. O meu objetivo é esse: somar mais golos daqui para a frente e ajudar a equipa.

No entanto, o ano não terminou da melhor maneira. Depois da vitória em Leiria, a equipa não conseguiu vencer em casa, na jornada seguinte. O que é que faltou no encontro contra o Alverca?

Consistência. Estivemos muito bem no jogo anterior, conseguimos a vitória, e no jogo contra o Alverca não entramos bem, não entramos concentrados. Ainda conseguimos fazer o 1-2, e esse golo trouxe, claramente, mais motivação à equipa para entrarmos na segunda parte com tudo e empatarmos e virarmos o jogo – e podíamos fazer mais, estávamos motivados – mas, como disse, faltou consistência – e o grupo costuma ser forte nisso. O resultado foi negativo, mas não nos vai fazer baixar a cabeça. Vamos continuar o nosso trabalho e iniciar o ano da melhor forma possível.

E tem sido difícil gerir esta falta de consistência, mesmo nos resultados?

Nós conseguimos manter sempre o pensamento positivo, mas, por vezes, há dias em que quebramos um bocado. O futebol é isso. Consistência não falta no grupo, mas naquele jogo faltou. No entanto, este grupo é muito unido, trabalhamos muito, e acho que vamos iniciar o ano da melhor forma. Vamos dar um bom resultado aos adeptos e mostrar algo diferente.

A união do grupo permite, quando alguém tem essas quebras, que logo os outros façam de tudo para levantar a moral e continuar?

Este grupo não deixa ninguém cair. Se um está mal, nós estamos sempre juntos, a ajudar-nos uns aos outros. Somos mesmo unidos e é isso que nos vai ajudar a somarmos mais pontos. A este grupo não falta nada. Temos é de continuar o nosso trabalho, somar pontos e meter o Paços onde merece estar – no cimo da tabela.

Que balanço é que fazes destes meses de Paços? Individualmente, têm corrido dentro

do esperado ou tinhas pré-definido uma outra ideia?

Esta é a minha primeira época aqui e penso que está a correr bem – exceção feita aos resultados, que, efetivamente, não estão a aparecer. Encontrei um grupo muito bom, que me acolheu muito bem, desde os jogadores ao staff, e estou feliz aqui. No entanto, é claro que também imaginei outro cenário a nível individual. Na posição em que jogo, mais à frente no terreno, vimos sempre com um objetivo diferente. Ou seja, como grupo, está a correr tudo bem, mas, individualmente, não está a correr da forma como esperava, porque vim para somar mais golos, de forma a ajudar muito a equipa. Mas, como também já disse, o futebol também é isto. Às vezes passamos por estas fases, mas nunca podemos desistir. O primeiro golo, por exemplo, já saiu, e agora é continuar a insistir com trabalho, e tudo vai melhorar na segunda volta.

«O Paços é um clube histórico, e assim que me falaram desta proposta fiquei muito feliz com a possibilidade de vir para cá.»

Para quem joga no ataque, conseguir fazer o primeiro golo depois de uma fase maior sem marcar é como um peso que sai de cima?

Sim, quando marcamos o primeiro ficamos muito felizes, claro, e tiramos um peso grande de cima. Acho que ficamos mais leves e conseguimos estar mais focados, mais fortes mentalmente. Eu precisava muito deste primeiro golo e agora tenho a certeza de que vão sair muitos mais.

Esta é também a tua época de estreia nos campeonatos profissionais. Sentiste alguma dificuldade na adaptação?

Há sempre diferenças. Este é o meu primeiro ano a competir profissionalmente, e dá para identificar diferenças em termos de qualidade, de jogo jogado... No meu primeiro jogo estive bem, mas tive de me adaptar, claro, e o grupo ajudou-me muito, assim como os treinadores. Portanto, há, sim, diferenças nos jogos, mas foi

bom chegar, conseguir adaptar-me e sentir que estou a melhorar.

Jogar nas ligas profissionais já é, por si só, um bom motivo, mas o que é que te levou a aceitar a proposta do Paços?

O Paços é um clube histórico, e assim que me falaram desta proposta fiquei muito feliz com a possibilidade de vir para cá e de fazer parte desta equipa; de fazer a minha história aqui e deixar uma marca. Achei que teria mais oportunidades também, ia ser visto – como gostamos sempre de ser – e não hesitei. Vim logo e acho que foi uma boa decisão. Estou muito feliz, porque confiamos em mim e isso é muito valioso. E, além disso, eu via sempre os jogos da Segunda Liga, via o Paços, e isso também foi um fator a ter em conta na decisão.

Teres chegado com alguém que já conhecias – no caso, o Gonçalo Nogueira, com quem jogaste no Vitória B – também foi uma ajuda nos primeiros tempos?

Quando soube que vinha para cá, ainda não sabia que ele vinha também. Foi no dia anterior à minha chegada que me contaram, e claro que isso me motivou. É uma pessoa que conheço, com quem já joguei, e fiquei feliz, até porque ele é um bom colega. No início, quando chegamos a um clube novo e não conhecemos ninguém, ficamos mais fechados, mas com o Gonçalo aqui tornou-se mais fácil, ele deu-me uma força. E, depois do primeiro treino, também consegui interagir mais com os outros.

Vamos fazer uma viagem pelo teu percurso. Como é que foram os teus primeiros anos?

Então, eu nasci em São Tomé e Príncipe, e, antes de vir para a Europa, estava numa academia de futebol lá do meu país. Lembro-me de todos nós termos o sonho de jogar fora, mas não tínhamos possibilidades nem apoios. Era o meu treinador, o mister Gustavo, que nos dava sempre motivação e foi ele quem me ajudou a crescer como jogador e a sair de São Tomé e Príncipe. Lá, eu jogava ainda no escalão Juvenil e foi depois, no meu primeiro ano de Júnior, que tive a oportunidade de vir para cá. Durante um ano não pude jogar, por causa

INTER=ESTORE



da documentação, e fiquei a conhecer melhor o ambiente, a ver como são as coisas, e foi no Oriental de Lisboa que comecei, posteriormente. Consegui a documentação, fui inscrito e cumpri o meu segundo ano de Júnior. Entretanto, no meu primeiro ano de Sénior, fui para o GRAP, em Leiria, que jogava no Campeonato de Portugal. Ainda fiz alguns jogos, mas, na segunda volta, o clube teve de desistir do campeonato e o Loures demonstrou interesse em ficar comigo. Fui, fiz a metade da época que faltava, correu bem, e o treinador do Oliveira do Hospital chamou-me. Este foi o primeiro ano da Liga 3 e acho que foi aí que o futebol começou mais a sério para mim. Ora, fiquei lá uma época e depois desci ao Campeonato de Portugal para jogar no Benfica Castelo Branco – e foi a época em que mais me destaquei, pois fui dos melhores marcadores do campeonato e chamei a atenção do Vitória. Fui para a equipa B, faço o meu primeiro contrato profissional, e aí começei a minha “vida profissional”, digamos. Joguei, fiz alguns golos, fui chamado à equipa A e cheguei a ser

convocado para alguns jogos – mas não me consegui estreiar. Foi este o meu percurso até aqui, e agora estou bem, a fazer o que mais gosto, a ajudar a minha família, os meus pais, e espero poder alcançar um patamar mais alto do futebol e realizar mais sonhos. Acredito que vou conseguir. É trabalhar. Trabalhar é a chave do sucesso na vida, e sou um jogador que trabalha muito.

Agora por partes – e recuperando o que tinhas dito sobre esse sonho, na infância, de jogar fora do país. Atendendo às dificuldades que também referiste, à falta de apoios, como é que vão alimentando esse mesmo sonho? Como é o futebol de formação em São Tomé?

Não há, efetivamente, muitos apoios para os miúdos. Diria que o futebol em São Tomé é mais para divertir. Os miúdos que sonham jogar fora precisam que os pais acreditem neles e os ajudem a sair, pois é mesmo muito difícil. A escola de futebol onde andei era do Gustavo Clemente, que ajudava sempre muito quem lá estava. Ele conseguiu



mandar muitos colegas para a Europa, pois tinha alguns contactos e apoios, então era ele quem ajudava os miúdos a seguirem o sonho. No meu caso, falei com ele, disse-lhe que gostava muito de jogar fora, e ele disse-me logo que me ia ajudar – e ajudou-me a mim e a mais cinco colegas. Deu o maior apoio possível e viemos juntos para Portugal. Mas não é, realmente, fácil. Os apoios não são muitos, o país é pequeno e o futebol lá não é assim tão grande. As pessoas jogam mais para se divertirem. Mas o meu conselho é que devemos acreditar sempre, porque tudo é possível e eles também o podem conseguir. Foi o treinador que nos colocou na cabeça que podíamos fazer algo diferente – e nós acreditamos, continuamos a treinar e conseguimos sair através dele. Valorizo muito isso e devo-lhe muita gratidão, assim como à minha mãe que se sacrificou muito para poder estar cá. Ela também jogou futebol, então compreendeu sempre este sonho, como era difícil, e apoiou-me muito. Foi a primeira a conseguir sair de São Tomé, veio trabalhar, e ajudou muito na minha vinda para Portugal. Faço tudo



FIXPAÇOS[®]
fixing forward

por ela, e se estou ainda a jogar, é por causa da minha mãe e do mister Gustavo. O mister Gustavo não é são-tomense, é camaronês, mas quando foi a São Tomé criou aquela academia. Foi uma salvação, não só para mim, como para muitas gerações de meninos que passaram por ele. Deu uma oportunidade a todos, e, assim que todos conseguiram sair da academia, foi fazer a sua vida na Guiné Equatorial, onde já tem uma academia e está a continuar o seu trabalho. Se continuássemos lá, ele continuava em São Tomé, tenho a certeza. Mas fico feliz por ele, e espero que continue a ser a pessoa que é e a ajudar outros miúdos.

A tua mãe também jogou em São Tomé?

Sim. Ela é que me "pôs" no futebol, digamos. Ela jogava na mesma academia que eu, e depois saiu para outra equipa lá no país. Sempre que ela ia treinar, levava-me, e aí foi surgindo a paixão pelo futebol – tinha eu os meus quatro anos. Fui seguindo os passos da minha mãe. Ela deixou o país por causa do meu sonho foi a maior loucura que fez por mim – apesar de eu achar que uma mãe faz tudo por um filho também. Ela vendeu muitas coisas que tinha em casa para poder chegar aqui, trabalhar e ajudar-me a sair de São Tomé. A minha mãe foi... Não há explicação. Ajudou-me muito mesmo, sacrificou-se muito para eu estar a jogar hoje.

E quando vieste para Portugal a tua mãe ainda jogava?

Não, nessa altura já não. Mas lembro-me de a apoiar e de ver os jogos dela. Ela parou de jogar dois anos antes, devido a uma lesão no joelho, e a partir daí é que passou a apoiar-me a 100%, porque antes não podia ir sempre aos meus jogos. Depois conversamos, ela disse que se ia sacrificar para me ajudar, e que se esse era o meu sonho não ia ser em São Tomé que eu ia conseguir ser o jogador que queria. Ela começou a vender as coisas, partiu, eu fui viver com o meu pai, ela começou a trabalhar, e depois de um ano consegui juntar algum dinheiro. Pagou metade da passagem, eu já tinha, então, a outra metade, e consegui chegar aqui.

Quando ela veio já tinha algum trabalho ou teve de começar do zero?

Começou do zero. Para nós, estrangeiros, podermos trabalhar, é preciso alguma documentação e não foi fácil. Quando ela chegou, ficou com amigos, com a irmã, e começou a tratar desses mesmos documentos. Mas ficou quase meio ano sem trabalho, sempre a procurar.

Tinhas, então, família cá?

Sim, a irmã dela. Não éramos assim tão próximos, mas ela ajudou a minha mãe a ficar por uns meses, até conseguir um trabalho. Primeiro teve um trabalho externo, só vinha a casa um dia. Por vezes, ficava meses sem vir, mas foi assim que consegui fazer a sua vida e ajudar-me assim que cheguei. Depois é que mudou de trabalho e ficou mais tempo em casa. Nessa altura, ainda vivíamos na casa de uma amiga, porque também era difícil alugar um sítio. Entretanto o meu pai chegou há dois anos. Eles estão separados, mas depois de eu começar a jogar mais e receber algum dinheiro, consegui trazê-lo para trabalhar aqui. Eu tenho mais irmãos, da parte do meu pai, e sei que ele precisava desta ajuda, então foi o que fizemos.

«Estamos a passar por este momento mais difícil, mas não deixem de acreditar. Este grupo ainda vai dar muitas alegrias.»

Disseste que vieste para Portugal com cinco colegas. Ficaram todos no mesmo clube?

Nós fomos para Évora, para treinarmos lá, mas não deu certo. Éramos um grupo muito unido e queriam despedir uns e ficar com outros – e nós ficamos com aquele medo de nos separarmos, então decidimos voltar todos para Lisboa e tentar a sorte. E foi o que aconteceu. Depois, uns foram para a Académica de Coimbra, Boavista, Sporting; outros desistiram, porque não estava a ser fácil; e, do grupo, sou basicamente o único que ainda continua a jogar.

Quando vais para o Oriental, além de ficares aquele tempo sem jogar por causa da



documentação, ainda apanhaste os anos do COVID também. Isso dificultou a tua adaptação ao futebol português?

Fiquei dois anos sem jogar, basicamente. Só a treinar. Os pais dos meus colegas perguntavam-me “Então, quando é que vais conseguir jogar?”, e eu dizia que estava à espera da documentação sair. Estava difícil. Depois de ter os documentos, comecei, finalmente, a jogar e eis que surgiu o COVID. Confesso que na altura pensei que tudo isto era má sorte, porque, mal consegui a documentação, fiz uns sete jogos e parou tudo. Quis desistir, porque já eram dois anos... Mas a minha mãe ajudou-me a não desistir, disse para esperarmos. Eu esperei, mas quando tudo passou eu já não era Júnior. Inicialmente, era para ficar como Sénior no Oriental, mas o treinador não ficou interessado e lá apareceu a oportunidade de ir para o GRAP.

Onde cumpres metade da temporada, e na outra metade o clube desiste...

Sim. Assim que o clube desistiu do campeonato, fui para o Loures. O treinador-adjunto já me conhecia do Oriental, e disse para ir lá fazer um treino, pois já tinha falado com o treinador – e se o treinador gostasse, ficava. E foi assim. Fizemos uma grande época. No último jogo, que era para subir para a Liga 3, com o Oliveira do Hospital, ainda estivemos a ganhar. Mas eles conseguiram empatar, e o empate bastava-lhes para a subida. E foi aí que o treinador do Oliveira do Hospital também viu o meu trabalho, gostou e chamou-me.

E depois do Oliveira do Hospital segue-se o Benfica Castelo Branco, onde fazes a tua época com melhores números: 14 golos e uma assistência.

Com o Oliveira do Hospital, estava na Liga 3, e descer para o Campeonato de Portugal... Tive de fazer uma análise de mim mesmo, perceber o que se passava. Assumi como um propósito de Deus, pois Ele saberia o que vinha pela frente. Também encontrei um grupo muito forte, que me ajudou muito. O treinador deu-me muita confiança e muita liberdade para ficar à vontade, e isso ajudou-me a fazer esses golos todos. O meu maior número até agora.

Acabou por despertar a atenção do Vitória [B], onde também fizeste sete golos e uma assistência. Em Guimarães, chegaste a treinar com a equipa principal também. Ficou só a faltar a estreia?

Quando se está numa equipa B e se sabe que a equipa A joga num patamar muito elevado, como a Primeira Liga, pensava que o meu primeiro ano ia ser muito difícil para me adaptar. Mas acho que até foi fácil. Consegui destacar-me na equipa B, o mister Álvaro Pacheco chamou-me e eu fiquei feliz. Continuei o meu trabalho, fui chamado para alguns jogos... Só esperava mesmo aquela estreia. Não consegui, mas trabalhei sempre.



Pelo meio tens também convocatórias para a seleção nacional de São Tomé e Príncipe. Quando é que surge a primeira?

A primeira foi quando estava ainda em São Tomé. A minha escola tinha uma equipa principal, de seniores, e no penúltimo ano antes de eu sair do país fui convocado para alguns jogos dessa equipa A, já que me estava a destacar com os miúdos. Começaram a dar-me alguns minutos na segunda parte, e sempre que eu entrava, marcava. Em dez jogos, já tinha uns 15 golos, pelos seniores. Lá, normalmente, eles chamam os melhores marcadores das Ligas para irem à seleção, e como eu estava entre os melhores marcadores chamaram-me. O mister Gustavo também estava a treinar a seleção, e como ele já me conhecia, chamou-me para fazer um estágio. E fiquei. Foi numa competição mais pequena, jogamos contra os Camarões. Depois, quando saí do país e fui para o Loures é que tive, realmente, a estreia.

Digo que essa é que foi, porque foi a contar para a CAN; foi uma chamada para jogar contra a África do Sul. Fiquei muito contente por representar o país. Ainda não me estreei com um golo, mas acredito que ainda vou ser muito feliz a marcar na minha seleção também. É continuar a trabalhar para continuar a ser chamado.

Representar o país é uma sensação completamente distinta.

Representar o país é algo muito grande. São convocados uns 22 jogadores, e se tu estás entre esses 22 jogadores, é porque algo se destaca. Viram alguma coisa em ti. E é algo muito grande, não só para mim como para a família. Isto faz também com que mostremos aos mais jovens que devem acreditar, pois um dia podem ser eles.

Em 2024, fizeste qualificações para a CAN e para o Mundial. Em março, vêm novos jogos. Aguardas com expectativa uma convocatória?

Sim. Acho que estou a trabalhar muito para isso, e quando estamos a trabalhar e nos sentimos

confiantes não ficamos tão preocupados. Eu não sei se o treinador se vai manter, mas espero que, independentemente disso, possa ser chamado. Estou bem, a jogar, e não temos assim tantos jogadores fora do país – e isso é uma das coisas que me deixa com confiança também.

Quais são os teus desejos para 2025?

Quero muito ajudar a equipa e somar mais golos. Quero colocar o Paços mais lá em cima na tabela, onde merece estar, e espero que o consigamos. O objetivo é continuar o nosso trabalho e ganhar mais jogos.

Uma mensagem para os adeptos.

Continuem a acreditar em nós. Sabemos que estamos a passar por este momento mais difícil, mas não deixem de acreditar, porque este grupo ainda vai dar muitas alegrias. Espero que, assim que o ano começar, mostremos como o grupo é forte. Acreditem em nós a cada jogo, mesmo quando estamos a perder. Não deixem de nos apoiar, pois, com o vosso apoio, nós conseguimos alcançar o objetivo.





FELIZ

20



25

PACENSES!

franciscoj.dias
mobiliário



FC PAÇOS DE FERREIRA

ACADÉMICO DE VISEU FC

CONHECE O ADVERSÁRIO DE HOJE



ACADÉMICO DE VISEU FUTEBOL CLUBE
FUNDADO A 07 DE JUNHO DE 1914

Poucos dias antes do começo da I Guerra Mundial, um grupo de alunos do Liceu Alves Martins e do Colégio Via-Sacra, em conjunto com o Reitor da Instituição, oficializou a fundação do Sport Clube Académico. Cinco anos depois, surge a alteração para Académico Futebol Clube – que ainda viria a mudar para União Académica de Viseu e Clube Académico de Futebol, antes de se chegar ao nome atual. A primeira participação [de quatro] no principal escalão do futebol português acontece na temporada 1978/1979.

Em 2006, dificuldades financeiras resultaram na insolvência do clube. Mas nesse mesmo ano, um protocolo assinado com o Grupo Desportivo de Farninhão, da I Divisão Distrital da AF Viseu, fez com que o Académico “renascesse” – então, com o nome de Académico de Viseu Futebol Clube, como é hoje conhecido. Até à sua reestruturação, apenas o futebol sénior esteve extinto, continuando ativos os escalões de formação e modalidades.



O primeiro jogo na Capital do Móvel entre FC Paços de Ferreira e Académico de Viseu FC aconteceu a 8 de abril de 1984, e terminou com um triunfo Pacense por duas bolas a zero, depois de Daniel Martins ter marcado em cada uma das partes (23' e 62'). Na temporada 1996/1997, o resultado repetiu-se na Mata Real – desta feita, com golos de Quim Ferraz (21') e de Carlos Miguel (55'), que converteu uma grande penalidade.

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

15 jogos (desde 1983)

Vitórias

8

1

Golos

21

9

**MAIOR VITÓRIA
FCPF EM CASA**



SOLVERDE.PT



LIGA PORTUGAL 2 **Meu Super**



	15	PONTOS	25
MELHOR MARCADOR			MELHOR MARCADOR
JOÃO CAIADO - 4 GOLOS	16	GOLOS MARCADOS	22
FORMA			FORMA
EDDVD	24	GOLOS SOFRIDOS	15

ÚLTIMO JOGO DO AC. VISEU

No último jogo de 2024, a contar para a 15ª jornada da Liga Portugal Meu Super, o Académico de Viseu FC teve uma deslocação até ao sul do país para defrontar o Portimonense SC. No final, houve um golo e um ponto para cada lado. Gauttier Ott, logo aos 12 minutos, colocou os viseenses em vantagem, mas a segunda parte veio mudar um pouco o rumo das coisas. Os algarvios foram-se superiorizando e o empate parecia estar perto – confirmando-se a sua chegada à passagem do minuto 68, quando João Pinto acabou por colocar a bola na própria baliza. Até ao apito final, o marcador não sofreu mais alterações. Com este resultado, o Académico de Viseu FC falhou o assalto ao terceiro lugar da classificação, e, à entrada para esta jornada, ocupa a sexta posição, com 25 pontos somados.



LEMBRAS-TE DELE?

DIOGO ALMEIDA chegou à Mata Real em 2018/2019 e destacou-se pelos Sub-19 com 19 golos em 27 jogos. Na época seguinte, estreou-se pela equipa profissional, tendo feito 13 partidas, até rumar ao SL Benfica B em janeiro de 2020. Está no Académico de Viseu FC desde junho de 2024.



SOLVERDE.PT

“Natal é família, e o Paços também”

Esta foi a frase que serviu de mote para o vídeo de Natal de 2024 - vídeo esse que representa o espírito que queremos trazer para 2025. Independentemente das circunstâncias, tu “és fruto da união”.

Seguimos juntos. Em família.



Assiste ao vídeo!



LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —



CONVOCATÓRIA

Joaquim Manuel Coutinho Alves Ferreira, na qualidade de Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Futebol Clube de Paços de Ferreira, convoca, nos termos do nº 2 do art.º 24 dos Estatutos, todos os Associados do Clube para uma **Assembleia Geral a realizar no dia 8 de janeiro de 2025** (quarta-feira) pelas **20:00hr** no **Auditório da Associação Empresarial de Paços de Ferreira**, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. LEITURA DA ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ANTERIOR;
2. APRESENTAÇÃO E VOTAÇÃO DAS CONTAS RELATIVAS AO EXERCÍCIO FISCAL CORRESPONDENTE À ÉPOCA DESPORTIVA 2023-2024;
3. COMUNICAÇÃO DA DIREÇÃO RELATIVAMENTE AO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA "SAD" E DA ALIENAÇÃO DE CAPITAL
4. ANÁLISE E DELIBERAÇÃO DA PROPOSTA DA DIREÇÃO PARA ANTECIPAÇÃO DO ATO ELEITORAL
5. OUTROS ASSUNTOS DE INTERESSE

Se na hora marcada e de acordo com o art.º 26 dos Estatutos não estiver presente a maioria dos associados, a Assembleia Geral reunirá, com qualquer número de associados, em segunda convocatória pelas 21:00hr.

Nos termos do nº. 2 do art.º 26 dos Estatutos, e para acederem à Assembleia Geral, os associados deverão fazer-se acompanhar do cartão de sócio e de documento de identificação.

O Relatório de Contas estará ao dispor dos Sócios para consulta, na Secretaria do Clube, em horário de expediente a partir do dia 27 de dezembro.

Paços de Ferreira, 22 de dezembro de 2024

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Joaquim Manuel C. A. Ferreira



FUTSAL FCPF | SENIORES

COM MOTIVAÇÃO E CONFIANÇA

Depois da descida de divisão, o arranque da época 2024/2025 não foi fácil para o FC Paços de Ferreira dreamcouch Futsal – mas o ponto de viragem aconteceu. A abrir o novo ano, o mister Nandinho faz uma análise ao percurso do conjunto pacense, garantindo trabalho e ambição para os desafios que se seguem.

A forma como o ano 2024 terminou é um bom presságio para aquilo que será 2025?

Podemos dizer que sim. Afinal, nos últimos seis jogos, ganhamos cinco e empatamos um – até de forma injusta, pois foi, provavelmente, o nosso melhor jogo da época. No início da temporada, a equipa também estava em construção: o plantel era praticamente o mesmo, não houve muitas entradas, mas o treinador era novo, as ideias eram novas, havia uma nova maneira de defender, de atacar, outro tipo de abordagem aos jogos – e levou o seu tempo. Ainda assim, penso que as duas derrotas que tivemos no campeonato foram injustas. A primeira vitória seria importante para os jogadores e isso comprovou-se, pois deu o “click” de motivação para que pudéssemos, depois, conseguir os resultados que se seguiram – e espero que em 2025 possamos dar continuidade a essa boa fase. Faltam três jogos para acabar a primeira volta [à data desta entrevista], e o objetivo é vencer todos. Não há outro. Depois, logo vemos em que posição vamos acabar a primeira volta, mas é seguro que, se vencermos estes três jogos, provavelmente estaremos entre os dois primeiros, e esse é um objetivo nosso. Estou muito motivado e confiante para 2025, até porque estou muito satisfeito com este grupo.

O arranque não foi fácil para uma equipa que no início afirmou ter como objetivo a subida – três derrotas em três jogos (uma delas na Taça de Portugal). Isso fez com que tivesse de repensar alguma coisa em algum momento?

Sendo o mais sincero possível, tirando o jogo da Taça de Portugal, em que fomos justamente eliminados, acho que a equipa só precisava mesmo de uma vitória. Na minha opinião, eu tenho o melhor plantel da III Divisão – mas isso é para mim, que sou o treinador deles e sei da qualidade deles – e sabia que a primeira vitória seria como um “desbloquear” da situação. E os resultados têm demonstrado isso. Publicamente, assumi que o objetivo é a subida, sem qualquer problema, até porque ando nisto há algum tempo e, se não existir ambição, se andarmos só por andar, não é a mesma coisa. Mas também estávamos só a falar de seis pontos – e seis pontos são dois sábados, como lhes costumo dizer. A ambição manteve-se sempre a mesma. A única coisa que tentei passar aos jogadores foi que não duvidassem do meu trabalho, porque aí seria mais difícil para mim e para a equipa técnica. Sei que se a mensagem não estiver a ser passada corretamente, dificilmente vou conseguir alguma coisa, e a verdade é que

NorteCar
automóveis

tive os jogadores todos do meu lado. Penso que essa derrota na Taça de Portugal, a seguir às duas no campeonato, foi mesmo muito importante. Foi a chave. Se calhar, eles estavam a precisar disso, digamos assim. E se eu já sabia que tinha uma equipa com a ambição que eu quero, de lutar pela subida, a partir desse momento fiquei com 100% de certeza.

A equipa também vinha de uma descida. Como é que se trabalha a parte mental dos atletas, que já vêm com essa carga?

Encontrei atletas tristes, frustrados, porque não conseguiram manter o clube na II Divisão, mas, ao mesmo tempo, cheios de vontade, e por isso é que ficaram. Muitos tiveram convites para sair e não saíram, porque queriam levar novamente o clube para a II Divisão. A equipa estava motivada, a querer identificar o que correu menos bem na época anterior, juntamente com a equipa técnica e os jogadores que chegaram – também cheios de motivação. Falei com o grupo, falei com muitos deles particularmente também, fiz o trabalho que acho que deveria ter sido feito, pois já passei pelo mesmo e é só meter-me na pele deles e perceber o que é que eu gostaria de ouvir e de fazer. E o caminho foi esse: mostrar-lhes que é possível subir de divisão, pedir-lhes para confiarem em mim e no nosso trabalho e dizer-lhes para acreditarem mais no valor deles. É certo que começar mal o campeonato ainda lhes colocou mais dúvidas, mas volto a dizer: a primeira vitória foi um desbloqueio e serviu para descarregar algumas das emoções que vinham da época anterior. Depois disso, foi muito mais fácil. Óbvio que deu e está a dar muito trabalho, ainda nem a meio chegamos, mas tem sido um prazer lutar com eles. E há uma coisa que refiro várias vezes: os atletas que se mantiveram também merecem que nós, equipa técnica e atletas que chegaram esta época, entremos com tudo para ajudar o clube a subir.

Na pré-época, o mister referiu que uma das dificuldades que previa prendia-se com o facto de haver muitos atletas sem formação de futsal, o que poderia dificultar o objetivo de ter uma equipa agressiva e mais ofensiva, como pretendia. Confirmou-se?

Sim, mantenho a opinião. Até porque alguns não fizeram mesmo a formação de futsal, ou seja, tiveram de “fazer a formação” já como seniores. Não quer dizer que já esteja tudo bem, porque não está, mas estão muito melhores, até porque temos vindo a cometer menos erros e a sofrer menos golos. A adaptação a novas ideias leva o seu tempo, mas eles estão a caminhar para aquilo que eu ambiciono para a equipa. O objetivo do Paços não passa só pela subida de divisão; é também que eles se divirtam a jogar e que façam uma época que chame as pessoas ao pavilhão, com muitos golos, muitos dribles, muitos passes, muitos remates. Sei que vou ser repetitivo, mas já fui jogador e o facto de saber que vou estar mais tempo com bola é muito positivo. Todos os meus jogadores trabalham, e chegam ao fim do dia e saberem que se vão divertir um bocado com bola para mim é gratificante. Depois é colocar-lhes ambição, serem competitivos nos exercícios e passarem isso para o jogo. Isso é que é importante.

A verdade é que o Paços tem o terceiro ataque mais concretizador, apenas atrás de Mogadouro e Valpaços.

Estamos com uma boa média, são quatro ou cinco golos por jogo, o que é muito bom. Temos é de tentar baixar a taxa de golos sofridos. Quem tem visto os nossos jogos vê que temos feito muitos golos, mas também temos falhado muito e a taxa podia ser maior – e, neste momento, podíamos ser nós, claramente, o melhor ataque da prova. Mas, honestamente, ter o melhor ataque não me preocupa muito. Preocupa-me é ganhar os jogos. Se tiver de ficar sempre 8-7 não há problema. [Risos]



elastron[®]

E defensivamente? À medida que a época foi avançando, esperava que a equipa estivesse noutra ponto?

Numa das primeiras conferências, disse que só com o desenrolar da competição é que eles iam entender como eu queria que defendessem e atacassem. Acho que tem havido menos erros individuais, que era algo que havia muito nas primeiras jornadas, e os erros individuais não se treinam... É preciso falar com os jogadores. Era preciso terem noção da responsabilidade que tinham, e o comportamento dentro do campo tinha de ser diferente. As coisas melhoraram nesse aspeto e ainda temos muito a melhorar, tanto ofensiva como defensivamente. Também não podemos dizer que está tudo mal, porque não está. Temos melhorado bastante e estamos dentro dos objetivos. Neste último jogo, podíamos ter chegado ao 3-0 ou 4-0, porque os meus jogadores fizeram o suficiente para isso, mas não conseguimos vencer. Se assim fosse, agora estávamos a falar de um ponto de diferença para o líder. Mas mantem-se tudo igual, temos de fazer o nosso e esperar que o primeiro deslize para nos aproximarmos mais.

Atrás, falou na derrota na Taça de Portugal com o São Mateus e disse que foi quando se fez o «click». Terem jogado novamente nessa semana com eles para o campeonato contribuiu para espicaçar um pouco a equipa?

Não vou mentir, claro que sim. Pela maneira como abordei o jogo, foi muito melhor ser com o mesmo adversário, até para os picar, como dizes. O que eu senti naquele jogo nunca senti noutra grupo. Todos queriam mesmo provar o seu valor. O ambiente tem sido sempre incrível, mas naquele jogo eles queriam mesmo dizer “Chega”, “Basta”; queriam parar com aquilo e notou-se. No jogo anterior, marcamos um golo, e nesse foram sete – só por aí deu para perceber a alteração do comportamento da equipa.

A avaliação que faz do campeonato até agora foi a que previu no início da época?

Sim. Tirando o São Mateus, todas as outras equipas estão dentro daquilo que eu esperava. São equipas que têm orçamentos maiores do que o nosso, mas a minha experiência como

jogador também me diz que orçamentos não entram no balneário, porque tudo depende do trabalho de cada uma. As equipas são fortes, esta é uma III Divisão muito complicada, a nossa série é a mais competitiva, na minha opinião, e penso que vai ser uma luta até ao fim.

É um campeonato longo...

Quem for mais regular, vai manter-se lá em cima. O nosso objetivo é semana a semana. Não gosto de estar sempre a falar nisso aos jogadores, até porque o que eu quero eles também querem. Eles sabem muito bem que à segunda-feira falo do jogo anterior, fazemos a análise, começamos logo a projetar o adversário seguinte e não falamos mais nada. Não gosto de estar a falar no futuro. O futuro é agora, é sempre o jogo que se segue. Depois logo se vê.

Qual é o ponto mais forte do plantel? E aquele que gostaria de melhorar?

O mais forte é a união, sem dúvida. A união, o espírito, o compromisso. O que gostava de ver melhorado é uma boa pergunta. Não estou a passar pano a ninguém, mas tenho ali 13 homens de quem gosto muito. Estou encantado. Todos têm ambição, compromisso, atitude. Não mudava nada. Esse é um facto.

E janeiro pode trazer novidades?

Não posso dizer que não vai entrar ninguém, porque pode haver lesões, grandes castigos, e não posso dizer “nunca”. Mas, neste momento, não quero que ninguém saia nem que ninguém entre. Tenho um plantel com uma grande união, um grande comportamento e compromisso. É muito difícil alguém entrar neste momento.

Os adeptos também vão estando mais presentes no pavilhão. Os resultados puxam por eles e eles puxam pela equipa.

Tem melhorado e os jogadores comentam isso. Eu não tinha muito conhecimento da realidade do Paços, da assistência, mas pelo que os jogadores me dizem e pelo que vou vendo, tem melhorado. Precisamos deles para conseguirmos aquilo que todos ambicionamos, portanto conto com os Pacenses em 2025. E, já agora, um Bom Ano para todos.

FCVG 1950 ✖ 2025 FCPF

SALDOS

LOJA DO CASTOR

DESCONTOS
ATÉ 60%



Na Loja Física e em
www.fcpf.pt/castor-store

Uálido até 31 janeiro 2025

#defendeoamarelo

RECORDA O ÚLTIMO JOGO

JORNADA 15 LIGA PORTUGAL MEU SUPER | 22 DEZ 2024 | ESTÁDIO CAPITAL DO MÓVEL

FC PAÇOS DE FERREIRA 1-3 FC ALVERCA

(0-1) CARTER, (0-2) CARTER, (1-2) LUMUNGO, (1-3) ANDREZINHO



Uma outra visão do jogo
FCPF SIDELINE



YouTube @FCPF



O golo deu um novo ânimo à equipa e relançou o jogo



Costinha foi um dos atletas que esteve perto de fazer o segundo para o Paços



O Cabo Ribeiro, destacado para jogos do clube durante 25 anos, foi homenageado ao intervalo

PRÓXIMO JOGO

JORNADA 16 LIGA PORTUGAL MEU SUPER

FELGUEIRAS - PAÇOS

12 JANEIRO | 11:00H | ESTÁDIO MUNICIPAL DR. MACHADO MATOS



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
À sua marca gráfica

